
O OFÍCIO DE VENDER O QUE SE AMA? AS NARRATIVAS DE DONOS DE SEBOS EM PELOTAS

IS IT A CRAFT TO SELL WHAT ONE LOVES? THE NARRATIVAS OF SEBO OWNERS IN PELOTAS CITY

Mario Marcello Neto
Mestrando em História

Paulo Renato Souza Ienczak
Mestrando em História
mariomarceloneto@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho pretende problematizar a memória construída pelos donos de sebos na cidade de Pelotas. Sebo é o nome atribuído as lojas de vendas de livros, discos (LP's) e quadrinhos usados, porém a origem do termo é de difícil definição (BRITO, 1991). Utilizando a metodologia da História Oral Temática (PORTELLI, 1997) realizamos entrevistas nas quais os narradores compartilharam a sua memória sobre o seu ofício, sua origem e sua importância social para a cidade. Ao total foram 4 narradores, donos e fundadores dos maiores sebos da cidade de Pelotas. Pretendemos problematizar a *experiência* (THOMPSON, 1991) diferenciada que cada narrador possui sobre o seu ofício. Muitos se consideram bibliófilos (colecionadores de obras raras e valiosas) e para isso recorrem à venda de obras “menores” para que possam adquiri-las; outros apenas tratam seu trabalho como um negócio; e ainda há quem classifique o seu trabalho como essencial para a disseminação da leitura na cidade. Nosso objetivo neste trabalho é compreender a construção dessa *memória* e a formação de *identidade* em relação a esse ofício (CANDAU, 2011), bem como a *representação* (CHARTIER, 1991) que estes narradores fazem de sua inserção na sociedade, o seu papel social. Para muito desses narradores, a metade final do século XX foi definidora para que hoje a demanda por sebos na cidade seja cada vez maior. Porém, nosso objetivo é compreender as narrativas sobre a origem desse ofício, bem como compreender a sua relação para com os objetos vendidos, se há ou não uma relação comercial e/ou afetiva para com os livros e quadrinhos, bem como problematizar a sua *memória* sobre o seu papel social na disseminação da leitura em Pelotas.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Memória. História Oral. Sebo. Identidade.

ABSTRACT: This paper aims to problematize the memory built by the owners of bookstores in the city of Pelotas. Sebum is the name assigned stores sales of books, records (LPs) and used comics, but the origin of the term is difficult to define (BRITO, 1991). Using the methodology of Oral History Theme (PORTELLI, 1997) conducted interviews in which the narrators shared your memory about your craft, its origin and its social importance to the city. In total there were 4 narrators, owners and founders of the largest bookstores in the city of Pelotas. We intend to discuss the experience (THOMPSON, 1991) differentiated that each speaker has about his craft. Many consider bibliophiles (collectors of rare and valuable works) and so they turn to the sale of "minor" works so that they can acquire them; others only treat their work as a business; and some would even classify their work as essential for the dissemination of reading in the city. Our goal in this big work is to understand the construction of this memory and identity formation in relation to that letter (CANDAU, 2011) as well as the

representation (CHARTIER, 1991) that these narrators make their inclusion in society, their social role. For many of these narrators, the last half of the twentieth century was defining that today the demand for bookstores in the city is increasing. However, our goal is to understand the narratives about the origin of this letter and understand its relationship to the objects sold, whether or not a business and / or affective relationship to the books and comics, as well as discuss their memory about its social role in the dissemination of reading in Pelotas.

KEYWORDS: Work. Memory. Oral History. Sebo. Identity.

Sebos: a leitura em perspectiva

Em um breve passeio pelo centro (área comercial) de Pelotas, no Rio Grande do Sul é possível perceber certa quantidade de lojas dispostas a vender livros, LP's, histórias em quadrinhos, entre outros, usados¹. Neste artigo, buscaremos problematizar a memória dos donos dos principais sebos na cidade de Pelotas, região sul do Rio Grande do Sul. Nosso objetivo, porém, não é estabelecer uma cronologia, uma ideia de origem deste ofício nesta cidade. Buscamos compreender as formas e as motivações que levaram estas pessoas a exercerem este ofício.

Obviamente que ao iniciarmos estas entrevistas e ao prepararmos este trabalho tínhamos em mente não só um roteiro pré-estabelecido, como também, uma ideia superficial das respostas que seriam obtidas. Sei que seria leviano, e até lógico, dizer que isso mudou de acordo com o desenvolvimento desta pesquisa, porém nossa proposta teve que ser modificada, pois nem todas as premissas eram justificáveis.

A principal ideia que tínhamos em mente e que fomos obrigados a desconstruir é a que versa sobre o ofício de vender livros como algo de extrema importância para a sociedade e que, portanto, aqueles o qual exerciam esta profissão deveriam ser, obrigatoriamente amantes de livros e outros colecionáveis e por isso não venderiam o títulos mais valiosos para si, teriam uma coleção particular. O erro foi relacionar a paixão pelos objetos e a facilidade de acesso aos mais variados exemplares com o exercício de vender. Fica claro, para alguns

¹ Ao longo do texto, vamos nos referir a livros, LP's entre outros materiais vendidos em sebos como: "coleccionáveis" para que a compreensão seja mais fácil ao leitor.

narradores, que isso se trata de um comércio, portanto não há espaço para coleções pessoais, para outros, de algumas coisas não é possível se desfazer.

Vale ressaltar que por mais objetos que possam ser vendidos em sebos, nosso foco nas entrevistas foi sempre dado aos livros e história em quadrinhos. Essa limitação tem dois motivos. O primeiro trata-se dos produtos mais vendidos pelas lojas, e em algumas das que selecionamos só vendem tais colecionáveis, não contam com LP's ou outros objetos. O segundo motivo versa sobre o foco que queremos dar a relação dos sebos com a leitura, a forma como os envolvidos com essa atividade tornam-se agentes ativos na disseminação da leitura na cidade de Pelotas.

Para iniciarmos nossas discussões vale primeiramente ressaltar o que é um sebo e qual o seu funcionamento, obviamente destacando a particularidade de cada loja. Iniciando nossa discussão, ressaltamos que não conseguimos obter de fonte segura da origem do nome – sebo – nem o seu significado relacionado com livros e outros objetos usados, a teoria mais aceita viria da prática de virar as páginas dos livros com as mãos, fato que engorduraria as folhas e deixariam o livro “ensebado”, portanto os sebos seriam esse lugar de vender algo usado, ensebado². Porém, independentemente da origem de sua palavra nossa preocupação se dá no entendimento da memória dos narradores, tanto na sua relação com os livros e histórias em quadrinhos, quanto com a visão que tem de seu ofício com relação à disseminação da leitura na sociedade pelotense.

Num primeiro momento, iremos discutir aspectos gerais sobre a venda de usados, suas práticas e características. Posteriormente, partiremos para a análise das entrevistas. Ao todo forma quatro sebos, os maiores e mais populares da cidade. Cada um com uma proposta diferenciada de sebo. Nosso objetivo seria realizar este trabalho com cinco lojas, sendo uma delas a mais antiga em funcionamento em Pelotas (desde a década de 1970), porém seu dono se mostrou pouco solícito em conceder a entrevista, alegando falta de tempo. Sendo assim, destacaremos a seguir uma breve descrição de cada uma das lojas as quais seus donos foram

² Sobre isso ver: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/por-que-a-loja-de-livros-usados-se-chama-sebo/> ou http://www.hamurabi.com.br/historia_sebos.asp

entrevistados e suas principais características para posteriormente analisarmos e problematizarmos a memória dos entrevistados.

O primeiro sebo a ser entrevistado não possui um nome, seu dono é o Marcos, sua principal fonte de venda são histórias em quadrinhos e depois LP's. É uma pequena loja localizada na área leste do centro de Pelotas (uma região com mais dois sebos bem famosos), conta com um extenso, o maior da cidade, acervo de quadrinhos e um grande conhecimento deste negocio. A dificuldade que tivemos ao conversar com Marcos foi à logística e a pressa que esse estava para terminar a entrevista, tendo em vista que ele tinha que estar atendendo a loja em concomitância.

O segundo entrevistado foi o Alexandre, do sebo Icária. Este sebo é um dos maiores e mais centrais sebos de Pelotas, tendo duas lojas bem localizadas na cidade. Conta com um acervo muito grande de livros, e somente numa das lojas possui quadrinhos. Seu interesse é realmente em literatura, ou seja, fornecer livros acadêmicos e literários para o público que, na entrevista confessou, são seus maiores clientes.

A terceira entrevista se realizou com o dono de um sebo mais recente de Pelotas, inaugurado em 2010, que é o sebo Monte Cristo. Entrevistamos um dos donos, Júlio, e podemos além da entrevista observar o ambiente e compreender muitos elementos naquela loja. O primeiro é a existência de uma clientela tradicional, fã de quadrinhos, filmes e literatura, no qual não são apenas clientes, mas sim amigos. Isso transforma o ambiente comercial em um lugar de troca e sociabilidade. A proposta da loja permite que ao fundo o cliente possa entrar e se sentar em uma de suas poltronas e ler os livros que estão a venda. Isso, segundo Júlio, facilita o contato com os livros e estimula a venda, afinal a pessoa conhece de perto o produto que está levando e torna o ambiente mais agradável.

A quarta, e última entrevista foi feita com o livreiro mais tradicional da cidade: Adão Monquelat. Sua fama³ se dá não só pelo fato de vender livros, mas também por seu trabalho com a literatura e seus diversos livros publicados, principalmente os que abordam a história de Pelotas. A sua entrevista foi a mais longa, detalhada que fizemos. Sua loja é, com certeza, a menor de todas as que estamos analisando. Porém, existe um extremo cuidado para que ela

³ Sobre isso ver: <http://wp.clicrbs.com.br/retratosdavida/2010/05/25/monquelat-a-paixao-pelos-livros/?topo=13,1,1,,13>

tenha uma grande variedade de livros de literatura, das mais diversas possíveis. Além disso, a loja embora pequena é aconchegante. Sempre com um chimarrão em mãos, Adão é um exímio conhecedor de literatura e livros, tendo consciência de seu preço até mesmo pelo tipo de impressão que foi utilizada no livro. O espaço da loja é também um ponto de encontro entre ele e seus amigos.

Todos os quatro optam pelo modelo mais conhecido de sebo, compram, vendem e trocam os usados. Todos, também, trabalham com livros novos, embora não seja o seu foco. Os novos sempre aparecem em trocas ou quando algum distribuidor oferece. Além disso, os quatro sebos utilizam ou já utilizaram a venda pela internet, destacando que hoje é talvez uma boa parte da sua renda. Com isso, passaremos agora a problematizar a memória de cada entrevistado contrastando-a com as bibliografias lidas e discutindo as formas com as quais eles enxergam o seu ofício.

Trabalhando com História Oral- Memória e identidade

A metodologia fundamental de nossa pesquisa foi a história oral, como não poderia deixar de ser já que vamos trabalhar com a memória dos entrevistados acerca de suas profissões e meios de subsistência no mercado de bens culturais. Para orientação básica de nossos trabalhos utilizamos o guia de José Bom Meihy e Fabíola Holanda (2007), que versa sobre as mais recorrentes preocupações que todo pesquisador e estudante que utiliza história oral devem ter.

Em concordância com a seguinte citação: “A existência de um projeto é condição essencial para a operação em história oral” (BOM MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 15) realizamos um roteiro básico com as questões que desejávamos investigar ao longo da pesquisa, disponível em anexo para quem desejar entender melhor como se deram as entrevistas.

Interessante ressaltar que o universo dos sebos não é o principal objeto de pesquisa de nenhum dos autores do presente artigo, e sim um projeto paralelo que surgiu como a possibilidade de um trabalho colaborativo entre os dois pesquisadores, que além de colegas e

amigos dentro e fora da academia, já possuíam outros trabalhos conjuntos desde a época de graduação. Durante a realização das entrevistas ambos os autores se fizeram presentes, o que facilitou muito, pois enquanto um fazia as perguntas e guiava a conversa com o narrador o outro se preocupava com a parte técnica, verificando se estava tudo de acordo com os gravadores que possibilitavam a captação do áudio da entrevista.

Pesquisadores acostumados a trabalhar com a oralidade classificam três modos de história oral: a tradição oral, história oral de vida e história oral temática (DELGADO, 2006; BOM MEIHY e HOLANDA, 2007).

Tradição oral é geralmente aquela encontrada em comunidades com pouco contato com a escrita e aonde a oralidade é bastante valorizada. Para se entender realmente a tradição oral é preciso um estudo aprofundado e mesmo uma vivência junto ao grupo estudado. História oral de vida é focada na trajetória de vida do entrevistado, sem um roteiro muito focado, sendo uma conversa mais livre e geralmente desenvolvida em vários encontros. História oral temática ocorre quando as entrevistas têm o objetivo de gerar algum conhecimento a respeito de determinado tema com base na narrativa das memórias dos entrevistados. Essa é justamente a que utilizamos em nosso trabalho.

Ao se trabalhar com memória é preciso levar em conta todas suas nuances. Delgado novamente nos ajuda a ter esse cuidado ao trabalharmos com as narrativas geradas pela história oral:

[...] em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente. [...] Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje. (DELGADO, 2006, p.18)

Assim como a disciplina História muda seus questionamentos e formas de questionar ao longo do tempo, de acordo com demandas do presente, também a memória vai sendo ressignificada com o passar dos anos e pelas novas experiências pelas quais os portadores destas passam. Cabe ao historiador então trabalhar a memória como qualquer outra fonte, que merece ser problematizada, contextualizada. “O historiador não está isento de nenhuma das

capturas externas e do caráter fragmentário da memória, mas seu compromisso é, de certa forma, historicizar as próprias formas de memória e história.” (CYTRINOWICZ, 2003, p. 132).

A memória está intimamente ligada ao processo de construção da identidade de pessoas e comunidades. Ao se prestar ao ato de relembrar algum fato de suas vidas as pessoas estão também fazendo uma avaliação de seu passado, do qual sua vida presente é resultado e que também influenciará o seu futuro. Por isso é dito que a memória possui três temporalidades.

Adão Monquelat: a literatura e o literário

Em uma entrevista gravada no dia 7 de maio de 2014 às 18 horas, horário de fechamento da loja, fomos recepcionado com um chimarrão. Monquelat é um famoso livreiro e escritor da cidade de Pelotas, motivo pelo qual já está acostumado a dar entrevistas, fato que facilitou nosso trabalho. Embora saibamos da seletividade da memória, como Paul Ricoeur (2008) argumenta com grande erudição, sabemos que ela, também, não segue uma lógica cronológica necessariamente (HARTOG, 2011). Porém, provavelmente por ser um grande apaixonado pela disciplina de história – algo notado nos seu livros: “Notas à Margem da História da Escravidão” e “Senhores da Carne: Charqueadores, Saladeristas y Esclavistas” – tenha conseguido em sua narrativa estabelecer aquilo que Cytrynowicz (2003) proclama como a diferença entre a história e a memória: uma cronologia.

Desde o início da entrevista, nosso roteiro era simples e aberto. Partíamos da pergunta sobre como iniciou o seu interesse pela literatura e tínhamos interesse em ir explorando a sua memória acerca de tudo que envolvia o mundo dos livros e do sebo. Foi perceptível que durante sua narrativa estabeleceu-se uma ordem cronológica: a infância, a adolescência, a idade adulta e os dias atuais. Todavia, como nossa metodologia adotada foi a História Oral Temática (PORTELLI, 1997), toda essa trajetória em questão era sempre permeada por sua relação com os livros.

Monquelat destaca algo que chamou bastante a nossa atenção que foi a forma a qual adentrou ao universo da literatura e dos livros. Ele diz que foi através dos quadrinhos (gibis,

em suas palavras) que teve suas primeiras leituras. Conta que em Pelotas havia muitas casas⁴ que vendiam revistas e que na frente de teatros e cinemas havia um grande movimento de jovens para trocar quadrinhos e formarem a sua coleção. Sua entrada no mundo dos livros não foi pela biblioteca do pai ou por algum presente. Foi por livros que eram anunciados nos quadrinhos o qual se encomendavam e chegavam à banca. Desde então Monquelat inicia seu processo de leitura de literatura do mais variado tipo, porém demora um tempo para que ele se estabeleça como um livreiro.

Sua memória é nitidamente construída pela leitura: “me considerava uma avestruz, tudo que eu via eu li, placas de rua...”, ao considerar a leitura como algo indissociável de sua vida. O narrador argumenta que depois de andar por diversas capitais do Brasil, retorna a sua cidade natal, Pelotas, no ano de 1981. Aos 33 anos contava um acervo de cerca de 2500 livros. Confessa que a sua amizade como o dono da livraria porto-alegrense “Martins Liveriro” construída por frequentar em demasia, foi um fato que possibilitou a ele se estabelecer como vendedor de livros novos – editado pela própria loja de Porto Alegre – e usados, algo que ele tinha muito apreço em interesse. Ele conta que ficou cerca de 12 anos em Porto Alegre frequentando sebo no período da Ditadura Civil-Militar brasileira, e que a dificuldade por obter alguns livros eram tão grandes, que isso o motivava a frequentar sebos, ler em outras línguas e trazer essas ideias posteriormente em Pelotas, sua cidade.

Essa sua visão do período ditatorial brasileiro é instigante, pois explicita o medo constante vivido naquele período. O medo e a curiosidade de uma literatura subversiva mostram o rastro de medo, mesmo que não seja real, apenas simbólico, que este período deixou no Brasil (KOONINGS; KRUIJT, 1999). Por fim, Monquelat no leva a diversos assuntos que rodeiam o universo do livro, desde avaliação, preços e vendas pela internet. Coloca-se como um dos primeiros a vender livros pela internet no estado e garante que o lucro é alto, enviou livros para o mundo inteiro. Hoje, a pessoa que o auxiliava na venda por internet se afastou e não tem mais essa modalidade de vendas, se dedica apenas a parte física da loja, seus amigos que ali frequentam e os livros que escreve.

⁴ Ele destaca que eram casas e não bancas de revistas, como ao hoje.

Monquelat prevê que “os sebos irão sobreviver mais que as livrarias”, pensando sob a lógica do livro digital e as novas tecnologias. Ele até acredita que as editoras possam diminuir o fluxo de publicação, mas jamais acabaram com o livro, e os sebos sempre serão uma alternativa interessante para se achar livros raros, mais baratos e, segundo ele de uma qualidade melhor. Diz que daqui alguns anos vão dizer que hoje só se produzia “agenda e título”, argumentando sobre o tipo de tinta usada hoje que em pouco tempo some do papel, diferente de muitos livros usados que ele vende.

Ele coloca as máquinas copiadoras e o sistema de ensino das universidades brasileiras como uma das grandes responsáveis pelos preços dos livros, uma vez que o fato de copiar um trecho de livro para uma aula não traz a ideia do autor, apenas um fragmento. Fato que resente a indústria editorial, que como alternativa a isso aumenta os preços. Sobre o que ele pensa sobre o seu legado para a cidade de Pelotas, em relação a disseminação da leitura, ele diz: “o meu maior ganho foi ter ampliado a minha área de leitura... o grande ganho mesmo é as relações que se estabelece, são as amizades que vão se formando, são esses papos sobre livros sobre autores, de repente pode estar se falando sobre a lua... é o ambiente, né?!”. Destaca um grupo de interessados em literatura que se reúne aos sábados. Ele aposta numa forma de espaço, seja livraria ou sebo, que comporte as discussões, os debates, as trocas. Ele argumenta que isso: “é o mundo do livro”, a troca entre os leitores.

Marco Vergara: o fã, o crítico e os quadrinhos

Marco possui loja de venda de quadrinhos e LP's há mais de 15 anos. Sua loja se localiza em um local alugado numa região bem central. Seu irmão, também, é um grande colecionador de quadrinhos. A entrevista foi realizada no fundo da sede da loja no dia 31 de outubro de 2012, às 17 horas. Este sebo tem como definição de vendas o foco em vender histórias em quadrinhos. Em torno de 70% da loja é composta por este material, o fato de ser fã e colecionador ajuda muito no conhecimento tanto para indicação a leitores e curiosos, como em relação à avaliação e preços.

Uma característica interessante deste caso, é que o narrador argumenta que iniciou a loja de venda de quadrinhos, pois: “surgiu que a gente é colecionador, a gente se interessa e começa a colecionar o material, tu vais juntando, lendo, juntando, lendo, comprando. Ai tu descobre que aquele produto tu pode vender para comprar mais.”. Este fato de vender para poder comprar mais e ter mais acesso a outras coisas que até então não era possível, foi o único dos quatro entrevistados que identificou-se com tal fenômeno.

Atribuimos essa característica devido ao fato de ser um colecionador de quadrinhos assíduo, que tem/tinha sua coleção e deseja cada vez mais explorar esse universo. Talvez, colecionar livros seja mais difícil, por não ter a característica de ser uma obra seriada e fac-similar como os quadrinhos. Sendo assim, esse caráter de vender para comprar, ultrapassa a ideia de negócio e se torna quase que um lazer, uma via de acesso a algo que não se teria de outra forma.

Ele acredita na possibilidade de disseminar a leitura, música para um publico bem diverso. Desde crianças até colecionadores profissionais, adultos entre outros. Vê que os dias atuais para os quadrinhos melhoraram na atualidade. Diz que “antes se produzia muito pouco”, atribuindo uma lentidão a indústria editorial de quadrinhos, contrastando um pouco com a visão de Monquelat. Hoje os quadrinhos, segundo ele, estão mais valorizados e até disseminados. Sobre isso atribuimos a ideia de *cultura pop*, onde ler quadrinhos se tornou algo *cult*, motivo para ser destaque e considerado legal e até “descolado”, muito disso deve-se da disseminação dos mangás (historia em quadrinhos japonesas), na visão de Marcel Danesi (2012).

Sobre o processo de venda, Marco admite não ter mais um acervo pessoal, mas que dentro do possível lê muito dos produtos que têm em sua loja. Já seu irmão, que é quase um sócio na loja, é um exímio colecionador e não consegue se desapegar de muitas revistas do seu acervo, segundo o narrador ele “não desapegou ainda”.

Vê nesse processo de vendas pela internet uma ótima oportunidade de vendas e divulgação desse material que tanto admira. O carinho pelos quadrinhos é nítido em sua narrativa. Existe um apreço, e a ideia de vender para adquirir mais, dentro da lógica de um fã

que tem o interesse em explorar cada vez mais esse universo e proporcionar isso para outras pessoas da cidade de Pelotas.

Alexandre de Menezes Sabrito: unindo o útil ao agradável

Alexandre é dono de um reconhecido sebo de Pelotas, apesar de não tão antigo quanto outros da cidade: o Sebo Icária. Iniciou na época da faculdade a trabalhar vendendo livros, com os quais teve contato desde a infância em sua casa:

Surgiu a ideia pra custear os estudos, mais como bico, começar a vender livros, aí comecei pelos meus próprios [...] fazia semana acadêmica, ia pra frente da faculdade, estendia um lençol, e a feira de domingo na Bento, a intenção não era colocar uma loja e viver disso, naquele primeiro momento

O narrador conta que tinha até mesmo outras profissões que exercia na época, como segurança e também Técnico em Agropecuária, das quais abriu mão após juntar certo dinheiro que foi investido no negócio dos livros, somando à ajuda de amigos que doaram livros para aumentar o acervo de Alexandre. Sua grande expansão se deu através da aquisição do acervo de outro sebo da cidade:

[...] até que chegou o dia que o Dom Quixote encerrou as atividades, eu tinha um acervo de uns 2000 livros, o Dom Quixote tinha um acervo de uns 5000 livros, e eu comprei o acervo todo, aí que eu firmei os pés mesmo, começar a dar uma renda mais razoável

Com a crescente estabilidade no trabalho no sebo, Alexandre acaba até mesmo abandonando a faculdade de Ciências Sociais para se dedicar ao negócio e também para ter mais tempo para realização de leituras de diversas publicações que este adquiria e consumia antes de botar à venda. Aí surge a questão de como era lidar com o comércio de itens por vezes pessoais e que tinham valor afetivo, já que era difícil manter uma biblioteca pessoal dissociada do sebo, aonde havia grande rotatividade das obras.

[...] era um processo que me incomodava assim, fica ali, vou levar, não vou levar, então peguei todos, peguei todos levei pra loja e botei bem caro na intenção de dificultar mesmo, tomara que não venda, aos poucos eles foram vendendo, e aí nesse momento eu desapeguei, eu comecei a enxergar de outra maneira, todos os livros que tão aqui dentro são meus, qualquer momento que eu quiser posso ir na estante pegar qualquer um e ler

Alexandre ainda relatou que a internet é responsável por mais da metade de suas vendas atualmente, e que viabiliza principalmente contato com colecionadores de outras cidades que buscam obras muito específicas.

Como finalização da entrevista Alexandre falou um pouco da importância dos livros e da literatura para sua vida:

A minha leitura durante o meu amadurecimento construiu minhas convicções [...] o que deixou ainda mais maravilhoso vir a trabalhar com livros, estar cercado pelos livros e pelas pessoas que gostam de livros [...] não é uma questão de preconceito, quem lê é mais interessante [...] a grande maioria das minhas relações gira em torno de pessoas que leem, que tem interesses maiores às vezes, mais do que tocar a vida e curtir, tem que haver um pouco de reflexão né

Julio dos Anjos Júnior: a paixão pelos quadrinhos

A família de Julio além do sebo Monte Cristo, inaugurado em 2010, já possuía muito antes um negócio relacionado de certa forma com o universo dos quadrinhos, que era a escola de desenho JA. Julio desde a adolescência é um colecionador desse tipo de literatura, e já em 1985 começa a ter contato com as obras de super-heróis como Hulk, Super- Homem, entre outros.

Julio, semelhante a Alexandre, também possuía uma profissão antes de se tornar dono de sebo, da qual também teve que abrir mão, no caso de Julio era o trabalho como professor de língua inglesa. Ele possui um sócio chamado Oscar que foi o idealizador do sebo, mas que trabalha em outro emprego, sendo Julio o principal administrador por se dedicar integralmente. Além de se desapegar de seu antigo ofício foi preciso também desfazer-se de seu apego pelos livros de sua coleção pessoal.

Teve uma época que eu parei de ler muita coisa [...] acabei me desfazendo [...] teve uma época que eu parei muito de ler gibi. [...] guardei alguns [...] tu muda tua mentalidade a partir do momento que tu começa a ser comerciante também, tu já não adquire uma coisa pensando só na tua coleção, tu já pensa no que que aquilo ali pode valorizar daqui a um tempo.

Julio também comenta a importância no âmbito dos gibis de se possuir coleções completas de determinadas histórias, o que valoriza muito o preço de mercado.

O sebo Monte Cristo possui, além do espaço para exposição das obras para venda e troca, um café ao fundo, e poltronas em meio ao acervo aonde ocorrem reuniões de grupos que discutem literatura, quadrinhos, bem como serve para pessoas realizarem leitura num ambiente propício, sendo além de um lugar de comercialização também local de convivência e espaço cultural.

Manter a loja bem eclética é um objetivo sempre, porque se tu restringe o material tu restringe as pessoas que tem interesse, o público que tem interessa na tua loja também. A gente sempre achou muito legal essa coisa da interação também, por ter esse espaço de convivência [...] é legal tu ter daqui a pouco alguém conversando e falando sobre gibis de um lado, e do outro ali tem um cara conversando sobre filmes, [...] todo mundo acaba interagindo

Ao abrir em 2010 o sebo já contava com 10000 itens no seu arquivo, número que já triplicou desde então. A maioria foi adquirida de outros sebos e de coleções pessoais, pouca coisa proveniente, no entanto, do acervo dos próprios donos. Muita coisa é comprada e vendida pela internet, tendo tanta importância quanto a presença da loja física, por abrir contato, assim como no caso do sebo Icária, com colecionadores de diversas partes.

Além de ser uma atividade prazerosa e que tem dado certo Julio encerra afirmando acreditar que seu trabalho no sebo cumpre também uma função social:

Gosto de pensar que o tipo de material que eu trabalho também tá contribuindo pro crescimento das pessoas, não só pro meu, quer dizer não é uma coisa também só comercial, pensar que tu tá contribuindo pro crescimento dos outros. E o contato com essas pessoas variadas, os clientes,

é legal que tu tá sempre aprendendo, acaba com preconceitos e ideias que tu poderia ter exatamente pelo contato [...] faz parte do amadurecimento.

Conclusão

Pode-se perceber que dentre os entrevistados havia em comum a paixão pelos itens por eles negociados, seja mais na área de livros e literatura, seja nos gibis e histórias em quadrinhos, ou em mídias diversas de música e filmes, ao mesmo que existe a contradição de ter que se desapegar um pouco de certas coleções quando estas torna-se bens comercializáveis. Nossa experiência com a história oral foi muito satisfatória e pudemos estabelecer contato direto com o universo dos narradores, já que todas as entrevistas foram realizadas pode-se dizer em campo, ou seja, nos próprios sebos.

Leitura, comércio, meios de comunicação, bens culturais, comunidade de leitores, tudo isso envolve o universo dos sebos, que serve de base para vários grupos encontrarem cd's de músicas de todos os gêneros, filmes antigos, lp's raras, obras clássicas da literatura, coleções de gibis.

Ficou claro que mais do que apenas vendedores de colecionáveis e usados, nossos narradores enxergam no trabalho nos sebos um estilo de vida.

Anexo: roteiro das entrevistas

1. Como ocorreu seu primeiro contato com o universo dos livros, cd's, lp's e outros colecionáveis?
2. Como surgiu a ideia de trabalhar com sebo?
3. Você já era um colecionador antes de trabalhar com compra e venda desses produtos?
4. Qual o perfil médio dos seus clientes?
5. Os meios de comunicação como a internet contribuem para a divulgação e desenvolvimento do seu trabalho?

6. Você acredita que seu trabalho contribui para a difusão de produtos culturais na cidade?
7. Como você enxerga o mercado de produtos culturais no Brasil? Você acredita que os altos preços influenciam no consumo por parte da população?
8. Você tem informação de quais foram os primeiros sebos que surgiram em Pelotas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOM MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191.

CYTRYNOWICZ, Roger. O silêncio do sobrevivente: diálogos e rupturas entre memória e história do holocausto. In: SILVA, Márcio Seligmann (Org.). **História, Memória e Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

DANESI, Manuel. **Popular culture: introductory perspectives**. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2012.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Tomaz T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005

HARTOG, François. **Evidência da História: o que os historiadores vêem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KOONINGS, Kees; KRUIJT, Dirk (Org.). **Societies of Fear: The Legacy of Civil War, Violence and Terror in Latin America**. New York: St. Martin's Press, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RICOEUR, Paul. **La memória, la historia, el olvido**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

VERENA, Alberti. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FONTES ORAIS

Entrevista realizada pelos autores, com Adão Monquelat, em seu sebo, no dia 07 de maio de 2014.

Entrevista realizada pelos autores, com Marco Vergara, em seu sebo, no dia 31 de outubro de 2012.

Entrevista realizada pelos autores, com Alexandre de Menezes Sabrito, em seu sebo, no dia 06 de maio de 2014.

Entrevista realizada pelos autores, com Julio dos Anjos Júnior, em seu sebo, no dia 08 de maio de 2014.